



Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

29 de Outubro de 2016 • Ano LXXIII • N.º 1895
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Em Maputo

FUI visitar e estar com os nossos de Moçambique, nos dias que se seguiram à despedida do seu pai de família, o Padre José Maria.

O seu desejo e incentivo para que a alegria continuasse a reinar no seio da Comunidade, cumpriu-se. Ao redor da mãe Quitéria e dos Rapazes mais responsáveis, auxiliados por amigos que ali vão dedicando parte das suas vidas, todos se vão mantendo unidos num forte ambiente familiar. Tudo decorre em perfeita normalidade e, embora ausente o pai, mais se reforçaram os laços que os unem e à Obra que sentem sua. A simplicidade e afectuosa relação entre todos e com os que vão passando por lá, é quotidianamente vivida como se cada dia contasse só por si para a vida toda.

Cada dia que sucede após outro, é singular, sem massificação nem indiferença pelos outros convivas, isto é, pelos que consigo vivem. Dir-me-ás que o ambiente local e social é diferente e a isso propício, sim, mas o apreço pela presença do outro como companheiro na vida é vivencialmente valorizado e repetidamente tido em conta, sem cansaço nem monotonia.

Sem grandes preocupações sociológicas, facilmente se vê que o valor maior continua a ser as pessoas e não as coisas, embora a famosa globalização queira implantar a sua influência, desvirtuando os melhores valores da vida humana em troca do vazio das relações comerciais.

De tudo o que procurei comunicar, fica a palavra que aprendi de Pai Américo, de que *vale mais a alma do que o corpo*. Viver a partir da alma, o centro do nosso ânimo para a vida, pô-la em relação com o

nosso Criador como Jesus nos ensinou, é a certeza de construir uma obra que perdura, alicerçada na rocha, sobre a qual nenhuma tempestade pode prevalecer ou destruir. É uma verdade inequívoca, na vida pessoal, familiar ou comunitária, que deve ser guardada como tesouro precioso.

O lugar onde o corpo do nosso Padre José Maria ficou a aguardar a ressurreição final, é o que foi por si escolhido, de onde, a poucas centenas de metros, contemplava diariamente a sua Aldeia e saboreava o dia-a-dia que Deus lhe ia dando para construir a bela família da Casa do Gaiato de Maputo.

Em esperança, sabemos que a continuidade da sua missão de paternidade irá ser assegurada por alguém, que Deus, na sua paterna Providência, apresentará.

No serão da noite da minha despedida, os Rapazes não deixaram de marcar esta mesma convicção, ainda que certamente inconsciente, ao fazerem com todo o entusiasmo a dança que habitualmente faziam quando o Padre José Maria regressava de uma viagem mais longa ao exterior, ao ritmo, sons e gestos próprios do Povo a que pertencem. No fim de contas somos todos um só Povo, e se a inteligência não decifra a simbologia que o corpo retracta, a alma sente-o e compreende-o.

A Jornada desta Casa prossegue, e se não for possível corresponder totalmente ao desejo expresso por uma mulher do povo, para que existissem dez Casas do Gaiato em Moçambique, de que a actual é fermento, se venham a juntar outras, correspondendo às necessidades que existem e à missão cristã que nos impele. □



BENGUELA

Padre Manuel António

Dar a mão...

TEMOS visto muitos pobres desamparados e muitos filhos a mendigar o pão. Queremos fazer tudo o que pudermos para os aliviar. Um coração que não ama, até ao limite das suas forças, em situações de extrema necessidade, não é humano. Na verdade, seremos verdadeiramente felizes, na medida em que damos a mão a quem nos pede ajuda, por verdadeira necessidade. Quando pensamos que dois terços da humanidade vivem em condições miseráveis; cada dia no mundo dezenas de milhar de crianças morrem de fome; milhões de inocentes sofrem sem culpa. Não podemos ficar insensíveis. Façamos, pois, tudo o que pudermos, impelidos pela força do amor. Deste modo, não pensamos, apenas, em acumular dinheiro, mas em partilhar os próprios bens.

Nestes últimos tempos, os pobres verdadeiros batem à nossa porta, todos os dias. Buscam ajuda para a sua alimentação e para o sustento dos seus filhos. Estamos a atravessar um período verdadeiramente difícil. Os doentes aumentaram duma forma impressionante. As consultas e os medicamentos constituem uma ocupação do nosso dia a dia, com o respectivo custo monetário. Continuamos com muita confiança, sem desânimo, pois sentimos a proximidade do vosso coração nas ajudas económico-financeiras. Quem dera nunca nos faltem! A crise social é verdadeiramente preocupante, com empresas a fecharem as suas portas, o aumento assustador de pessoas desempregadas, a falta de géneros alimentares com o impressionante aumento de custo dos que existem. Por este motivo, o coração da nossa querida Casa do Gaiato sente-se pequenino, mas sempre aberto até ao limite das suas capacidades. Por isso, o mergulho nos vossos corações é a condição da sua sobrevivência. Confiamos.

Há dias, estive connosco um grupo de estudantes universitários, a frequentar a disciplina de psicologia da ciência da educação. Foi um encontro maravilhoso. Tomaram conhecimento do caminho da vida da Casa do Gaiato, na área da educação. O amor é uma condição essencial para a fecundidade dos conheci-

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NEM todas as leis que os homens elaboram a favor da criança desprotegida é justa por ser feita por gente de grande ciência, mas sem sabedoria, nem isenção, em virtude de desconhecerem e nunca viverem o problema dos pobres.

Constroem-se leis que, aos olhos dos instalados com boas regalias, parecem ser justas, mas não produzem a **Justiça**.

É um casal dos seus quarenta anos mais ou menos.

Querem recuperar os filhos que o tribunal lhes tirou. As condições impostas, segundo eles, pelo referido Tribunal, é arranjar uma casa mobilada onde todos possam viver dignamente.

Até aqui, tudo muito bem. Mas como irão obter uma casa, se ambos estão desempregados e procuram, ainda, quem lhes dê trabalho?

Eu não conheço o motivo real que levou o Estado, pelos seus agentes, a fazer uma acção deste peso. Sei, sim, que os pais têm direito aos filhos, se não os tratarem mal.

Se a resolução do problema é apenas uma questão material e os pais não o podem achar, deveria, por justiça, ser solucionado por quem representa o Estado.

Se este tem poderes para ultrapassar o direito natural, que é dos filhos conviverem com os pais e vice-versa, também deveria ter capacidades para pôr este direito em seu lugar.

Só me refiro às razões que um Estado de Direito impôs a uma família tão pobre, e não lhe dá os meios necessários para isso.

O pobre casal veio ter comigo. Ele é de Setúbal e ela é do Alentejo. Os filhos têm, um dez anos e outro catorze.

Alugaram uma cave, mesmo por de trás da Loja do Cidadão, por setenta e cinco euros mensais, mas a casa foi totalmente destruída pelos anteriores arrendatários: cozinha, casa-de-banho, canalizações, electricidade, etc., tudo foi arrasado: chão, paredes, torneiras e portas.

O casal não tem nada. Dorme em casa de uns amigos que anseiam por se verem livres deles.

Este é um caso de *Património*, ou melhor dito, da Obra da Rua, onde a palavra **Rua** atinge seu pleno significado.

Continua na página 4

PENSAMENTO

Pai Américo

«Acreditas na Vida Eterna?» — perguntava Jesus Cristo aos homens do Seu tempo. Eu sou do tempo de Jesus. Eu quero ser do tempo de Jesus. Eu acredito na Vida Eterna, meu Senhor e meu Deus!

in *Notas da Quinzena*, p 53

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

OS SUPER PRECÁRIOS — Não sabemos se já existe uma designação para o tipo de pessoas de que vamos aqui falar, mas isso pouco importa. Aqui vamos chamar-lhe os “super precários”. Com isto quer-se dizer que se trata de pessoas que estão numa situação laboral que é precária por dois tipos de razões que se conjugam para acentuar essa precariedade. Por um lado, estas pessoas, quando procuram emprego, tendem a fazê-lo em mercados de trabalho onde as relações laborais muitas vezes são relativamente mais precárias do que no resto da economia. Por outro lado, são pessoas com características que contribuem para essa precariedade. Estamos a falar de um grupo muito heterogéneo que inclui indivíduos que podem estar em situações como as seguintes: pessoas afectadas por conflitos familiares; pessoas que tiveram, ou ainda têm problemas de alcoolismo ou outras dependências; ex-reclusos; pessoas com algum problema de saúde mental; pessoas portadoras de deficiência; ex-sem abrigo, ou pessoas a tentar sair desta situação; pessoas com baixas habilitações literárias e baixas qualificações profissionais, ou mesmo sem um historial profissional apresentável na procura de emprego, apesar de estarem em idade para o ter, etc.

Este grupo também é muito heterogéneo no que se refere aos estratos etários das pessoas que o constituem.

Não sabemos e, muito provavelmente, ninguém sabe de quantas pessoas se está aqui a falar, mas são muitas. Uma razão para ser difícil saber-se quantas pessoas estão nestas situações é que elas vão tendo percursos que as fazem irrem vagando pelas categorias estatísticas de empregado / desempregado, activo / inactivo.

De qualquer maneira, o que aqui mais interessa não é saber-se quantas pessoas são, mas sim cuidar do difícil desafio que é promover a sua empregabilidade, de maneira a que possam ter um trabalho remunerado e regular que contribua para a sua autonomia.

Há muita insuficiência de respostas sociais orientadas para este tipo de empregabilidade. Embora as possibilidades de intervenção das Conferências Vicentinas nesta área sejam muito limitadas, nem os Vicentinos, nem os outros cidadãos devem desistir destas pessoas. É preciso irrem-mas acompanhando não só para evitar que caíam em condições de vida indignas, mas também para as irrem orientando e ajudando na procura de oportunidades que possam surgir para desenvolverem as suas competências, ou terem um trabalho remunerado, mesmo que este possa ser precário.

O trabalho vicentino aqui também pode passar pela colaboração com organizações que possa haver orientadas para ajudar este género de pessoas.

Resumindo e concluindo, tratando-se de casos geralmente muito difíceis, e onde as possibilidades de intervenção eficaz ao nosso alcance são muito limitadas, nem por isso devemos deixar de fazer tudo o que possa ser feito, por pouco que seja, para ajudar estas pessoas a serem mais autónomas, vivendo e realizando-se no seu trabalho.. □

PAÇO DE SOUSA

CAMPO — O Paulo «Mudo» anda a limpar as silvas e outro mato nos nossos campos para que as plantas de desenvolvam bem. Temos também uma equipa da Associação Florestal a limpar os terrenos da casa da mata, pelas mesmas razões. Era aqui que Pai Américo gostava de descansar e reflectir sobre a nossa Obra e da sua vida com Deus. Assim tudo fica limpo como um jardim.

TIPOGRAFIA — Os nossos tipógrafos têm feito muitos trabalhos para fora, pedidos pelos nossos amigos e conhecidos. Agora com O GAIATO a cores, eles têm mais trabalho. De vez em quando fazem a manutenção das máquinas para que funcionem devidamente. Também fazemos trabalhos de impressão

digital no sector do «Régua» e do «Dimas», que têm obtido bons resultados.

MÚSICA — Os nossos «Batatinhas», juntamente com outros Rapazes mais crescidos, costumam ir a uma aula de música em Paredes. Cada um aprende o instrumento musical de que mais gosta de tocar. Estamos à espera de os ouvir a tocar as suas músicas. Também queremos que participem nas nossas Celebrações da Eucaristia em conjunto com o Pina. Esperamos que se empenhem nas aulas e tenham bons resultados.

Fausto Casimiro

DESPORTO — Começo por dar os parabéns à nossa equipa, neste jogo que fomos disputar ao Porto, o

qual mesmo sendo um jogo de preparação, nele mostrou um verdadeiro empenho e dedicação, demonstrando como é mágico o jogar de bola das Casas do Gaiato, a sua verdadeira paixão. Mesmo a jogar sem três bons jogadores, os que levei deram bem conta do recado, tal como à duas semanas quando recebemos o mesmo grupo Dramático Monte Aventino, ganhando agora fora, na nossa vez de os visitar. Mais uma vez ganhámos, desta vez por 16-3, menos um golo sofrido que no jogo passado. A equipa mostrou neste jogo jogadas bonitas, até podíamos ter marcado mais, mas temos que treinar melhor a finalização. Mesmo assim já deu para mostrar mais um pouco da nossa magia.

Bruno Alexandre

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

PADRE JOSÉ MARIA — No dia 30 de Setembro, sexta-feira, o nosso querido Padre José Maria partiu para a Casa do Pai celeste, depois de longa doença. Serviu a nossa Obra da Rua principalmente em Moçambique como Responsável da Casa do Gaiato. A fundação da primeira Casa do Gaiato, em Lourenço Marques, aconteceu na Quinta de S. Tiago; e foi tomada pelo Estado moçambicano em 1975. O regresso da nossa Obra deu-se outra vez em 1991, provisoriamente para a povoação da Massaca, enquanto se erguia outra Casa do Gaiato, numa fazenda, no distrito de Boane. O senhor Padre Zé Maria nasceu em 27 de Novembro de 1933 e foi ordenado Presbítero, no Patriarcado de Lisboa, em 15 de Agosto de 1958. À Comunidade irmã de Moçambique e à sua família, esta Comunidade de Miranda envia um grande abraço de amizade e saúde. Descanse em paz!

AGROPECUÁRIA — Chegaram as chuvas e neste ano agrícola há menos azeitona para azeite. Temos apanhado tomate, couves e pêra da

nossa horta e do nosso pomar. A relva dos vários jardins tem sido cortada e aparou-se a sebe alta atrás da casa nova. Limpou-se o jardim da encosta a norte do campo de futebol.

RECICLAGEM — Cuidar da Criação é importante para a sobrevivência do nosso planeta azul – a Terra. Pequenos gestos ajudam a melhorar o ambiente. Vamos tentando reciclar vários materiais: ferrosos, vestuário em mau estado e brinquedos estragados, óleos e papel. A Escola Básica do 1.º Ciclo de Lamas entregou-nos, como Ecoescola vencedora, mais uma vez, o valor de compras num supermercado, que agradecemos. As folhas que varremos são levadas para a estrumeira.

PARTILHA — É nosso dever sermos gratos aos nossos amigos e amigas que nos vão enviando as suas partilhas, pessoalmente, via CTT e por transferência bancária, para as necessidades básicas e outros gastos da nossa Casa. Têm chegado também géneros alimentícios. De Castelo

Branco, através da Sr.ª D. Fernanda, chegou-nos uma partilha de várias pessoas amigas. Fomos buscar peixe, através da Guarda Fiscal, ao Porto da Figueira da Foz. De Coimbra, os nossos amigos pais da enfermeira Graça foram muito generosos, entregando-nos até os seus livros. Ainda da cidade do Mondego, vieram livros do amigo e cristão empenhado Sr. Dr. Juiz Desembargador José Marques da Cruz Almeida, que conheceu pessoalmente Padre Américo. Que o Senhor os tenha na sua paz!

CONTACTOS — De vez em quando é importante informar os nossos amigos leitores dos vários contactos desta Casa do Gaiato, pois assim vão-se estreitando mais os laços de amizade. Eis, então, os ditos actualizados: Obra da Rua – Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, Bujos, Rua Casa do Gaiato, n.º 628, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099; E-mail: gaiatomiranda@gmail.com; NIB (CGD): 003504680000557733018. □

BEIRE – A nossa Fernandinha morreu-se-nos...

Um admirador

UMA FOTO NA MESINHA DE... — Não me perguntem porquê. Certo é que, desde o dia da sua morte, uma foto dela, foto-passe de 2007, está ali sobre a minha mesinha de cabeceira. A olhar para mim, com aquele seu olhar profundo e tristonho. Num rosto marcado pelo sofrimento, resignado. Porque, para lá de acentuada demência, uma úlcera gástrica crónica, desde há muito a corroía por dentro. A foto está ali, como um convite para que eu possa, com um caso muito recente e concreto, continuar a reflectir melhor sobre a morte. Tabu para muitos e também uma bênção para quem gosta de se COM+frontar com a “verdade real”. Que, por mais medo que nos meta e dela tanto se fuja, nunca deixa de ser “**a verdade**” nem deixa de ser “**real**”: ninguém querará morrer sozinho numa sala de espera das **URGÊNCIAS**...

CENAS DO QUOTIDIANO — Era domingo e dávamos o pequeno almoço aos doentes. Porque àquela hora ainda éramos poucos, comecei no pavilhão dos homens e logo entrei no das mulheres *a ver se era preciso alguma coisa*. Passei por cada uma a personalizar o meu desejo de *um Bom Domingo*. A Fernanda estava ali na sua cadeirinha de rodas à espera do seu leitinho. Fiz-lhe uma festinha, a que mal reagiu, perdida que estava no seu mundo habitual. O sofrimento em que vivia não dava para mais. Além disso, *vomitou de noite*, informa a Bela. E porque, entretanto, chegaram os braços e a cabeça que superintende naquele sector, vi que já não era ali o meu lugar. Fui de novo lá

para baixo, aos rapazes, marcar presença, para que tudo ficasse a postos à hora da Missa.

UMA MACA NO CHÃO... — Às 10:00h, num ambiente de serenidade habitual, entramos para a capela, onde P.º Telmo já nos esperava. Tudo a decorrer normalmente. Mas à saída... Era o *espectáculo* do INEM e dos Bombeiros em grande azáfama. E logo a GNR. Chamam-me, porque *a Fernanda morreu!*... Subo e vejo: a Enfermeira explica e os técnicos fazem mais perguntas e tomam notas. E fazem reparos. Porque *há regras a cumprir*... E ouço insinuações de que *pode ter acontecido*... Fernandita já *de+funta (sem funções...)* está na maca, deitada no chão, boquinha aberta, ainda com ar de muito sofrimento. Ali assim, “abandonada”, era a que menos contava naquela cena. Sinto-me mexido por dentro e pergunto se não lhe arranjam a boca, os olhos... — *Isso fazemos depois. Agora há que satisfazer os trâmites legais*... Pouco depois o corpo seguiu para autópsia. Ninguém pôde *despedir-se e, diante dela, fazer o luto de que precisava*... Tinha de ir, porque, *pode ter havido algum descuido*...

AS LEIS DO SÁBADO... — Não percebo de leis e acredito que também elas nasceram para ser uma **BÊNÇÃO** para “os homens por Ele amados”. Mas o direito a morrer com d’IGNI+dade sempre me interpela profundamente. Porque não pode colidir com nenhuma lei. Decorre, naturalmente, da *Lei do Amor* — que dá **MAIS VIDA** à

vida, mesmo no seu termo. Não pode dar o direito de, a título de dar mais anos à vida, **roubar MAIS VIDA aos anos**. Por isso não me conformo com a ideia de que *os homens foram feitos para o sábado farisaico*... (Cf, Lc 13,15). Não me conformo. Pelas experiências vivenciadas — sobretudo com meus pais, a mãe dos meus filhos e sete irmãos que já me deixaram. E mais ainda pelos anos e anos que, com todo o empenho, acompanhei formandos a quem, por ofício, podia ocorrer depararem-se assim com **a irmã morte**...

UM “CALVÁRIO” ACRESCIDO... — Olho a foto da Fernanda. Penso nas pesquisas sobre a morte levadas a cabo por Elisabeth Kübler-Ross e seus seguidores. Penso na bênção do morrer em casa, na companhia dos seus. Se possível, com “cuidados paliativos”. Penso no Calvário, último sonho de Pai Américo. Um Calvário nascido “para ser a casa dos sem casa, sem família”. Penso na Família como “a pátria do coração”. Penso no alerta de Elisabeth – “a melhor prenda que se pode dar a um moribundo é a mão de alguém que o ame e por quem se sinta amado”... Ela que via n’ **A Morte: um amanhecer**. Penso em Gabriel Marcel — “Amar alguém é dizer-lhe: Tu não morrerás jamais!” Ouço D. Selene: — *Ela morreu como um passarinho, amparada por mim, sereninha*. Ouço a D. Ermelinda: — *Estive com D. Selene, à beira dela, até*



VINDE VER!

Padre Quim

BENGUELA

Padre Manuel António

Duplo mandamento

QUANDO conhecemos o caminho que nos leva à fonte de todos os bens, irmanados do Sumo Bem, andamos seguros de estar a trilhar a rota certa. *“Bem eu sei a fonte que mana e corre, embora seja noite, aquela eterna fonte não a vê ninguém, e bem sei onde é e donde ela vem, embora seja noite”*. Esta confiança na fonte do amor inundou a vida de São João da Cruz e foi e continua a ser um afluente da Fonte Divina para a Igreja. Dificilmente se engana aquele que anda na luz. Aquela luz que arde em chamas, que ilumina e guia. Oposta às obras das trevas densas, que pairam sobre as convulsões sociais do nosso tempo; crise generalizada e violenta, que nasceu por falta de ética, corrupção, e apropriação do bem comum. Do outro lado vemos irmãos nossos a morrerem numa Síria em ruínas, Alepo escurecida pelo fumo dos canhões, o vizinho Congo Democrático retalhado e a ser debicado pelos grandes, e à beira de dar à terra um rio de sangue.

O amor é a luz que vai em

frente e ilumina, duas, três ou vezes sem conta, o que escapa aos olhos. Em nossa Casa, os doentes do corpo ou da alma são acompanhados carinhosamente. O médico faz a sua parte, a família quase que determina a recuperação e a estabilidade comunitária. Deus é Amor e quem ama a Deus também ama o seu irmão. O «Marito» veio a nossa Casa pelas mãos de uma religiosa. É um rapaz franzino, foi acolhido na comunidade da Casa-mãe, por não ter a estatura física para a casa três, embora tenha idade para lá estar. Vai completar dez anos no Agosto próximo. Nestes dias, adoeceu e caiu de cama. O «Boni» voluntariamente começou a cuidar do pequenino com uma atenção especial, embora estivesse a ser acompanhado por todos e com o carinho da mãe que lhe dá a medicação à hora certa e muda-lhe a dieta quando precisa. Depois de deixar a cama da enfermaria, agora andam de mãos dadas. Caminhar juntos para juntos crescer e solidificar a irmandade pela vida fora. Se os irmãos soubessem viver

assim, tanto bem deveria ter sido feito e tanto mal seria cortado pela raiz. É de pequeno que se cortam as ervas daninhas, é de pequeno que se semeia o amor no coração do garoto, para que no futuro venha dar num promotor da justiça social e da paz. Isto não se aprende com os homens da ciência, *“é uma porção daquela verdade escondida aos sábios e inteligentes e revelada aos pequeninos”*. O rapaz quer fazer ao outro aquilo que gostaria que lhe fosse feito em igual circunstância. Por isso, cuida para ser cuidado, ama para ser amado. Não por obrigação, mas por convicção. O amor é que manda na gente. Não fosse ele, não haveria no mundo obras de assistência e educação do pequenino vadio dos errantes caminhos da miséria. As acções são consequência da obediência ao amor. Quem obedece é feliz, sem margens de erro. Embora a natureza seja tendenciosa, a queda. Mais, a recuperação também é um facto evidente. Deus trabalha incansavelmente «misericordando» a pobre humanidade. A conclusão é de Pai Américo, *“Eu lanço os meus olhos pecadores em redor, e não vejo nada mais alto no mundo do que estes miraculados a viverem o milagre do amor.”* O amor cura. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Vindima

NA minha pequena aldeia o povo dava a Setembro o nome de mês de S. Miguel, não tanto pela referência ao Anjo, que se comemora no último dia, como pela fartura que o mês traz ao povo, com as colheitas.

Assim um S. Miguel quer dizer uma abundância. *Aquilo foi um S. Miguel*, para exprimir uma grande fartura.

Não foi neste mês, mas já no primeiro de Outubro, sábado, que fizemos a nossa vindima.

Era dia de venda d’O GAIATO, tínhamos que acabar a silagem do milho, além de outras *obrigações* próprias deste dia da semana, como as limpezas das ruas, dos corredores, arranque das ervas do jardim, o lavar da loiça e de sala de jantar, com o pôr das mesas e alguns ensaios, etc, etc..

Para a vindima não sobravam muitos, mas toda gente queria cortar uvas.

Nesta altura o fruto da videira está uma delícia, mais, ainda, pela qualidade das plantas da nossa vinha — moscatel.

Sem qualquer exagero, as uvas são mais doces que o mel e naquele trabalho toda gente come até não poder mais.

As tesouras chegaram para todos, como as vasilhas de plástico para cada conjunto de dois rapazes.

Nas carreiras da vinha, vai um jovem de cada lado, tendo um deles que mudar o recipiente e aproximá-lo de cada arbusto, de forma que fique próximo de cada vindimador.

Estava um dia de sol quente e, apesar de termos começado cedo, não nos esquivámos ao calor que apertou, sobretudo após o meio-dia.

Foi uma manhã comprida, quase até às catorze horas, mas os rapazes rescendiam felicidade por todos os poros, tanto os que apanhavam as uvas como os que

carregavam as vasilhas para as tinas de ferro em cima da camioneta que se ia deslocando.

Como Jesus e os profetas, utilizaram tanto a imagem da vinha, das videiras, dos sarmentos e das uvas, também eu gosto que os rapazes se familiarizem com esta realidade agrícola, própria da terra e da actividade do povo Israelita, no tempo do Senhor!

Assim os rapazes entenderão melhor o *mistério revelado na Palavra Divina*.

Vitelinhos

EM regra só vendemos os machos nunca as fêmeas.

À nascença os rapazes que assistem ao parto vão logo ver o sexo do animal e, se é uma fêmea, trazem novidade com exultação: — *É uma vitelinha*.

Como temos bom gado leiteiro, uma bezerrinha é esperança de abundante leite. Numa lactação passada tivemos três vacas a dar,

cada uma, cinquenta litros de leite, por dia.

O preço deste precioso alimento está de rastos!

Parece que só por carolice se produz leite. Mais, se não for o valor material das infra-estruturas e o resultado educativo para as crianças e jovens que mantêm a nossa mini vacaria, há muito que teríamos fechado.

Mesmo os vitelos vendem-se por uma ridicularia de 60€ cada, alguns já com dois meses sem precisarem de leite para se alimentarem.

Nestes dias, vendemos nove, por 540€+IVA. Não sei como iremos aguentar.

Silagem

AColheita e o armazenamento das ervas e do milho, têm entre nós, e penso que em toda a parte, o nome de silagem.

A palavra nasce de silo, lugar onde se mete e guarda durante algum tempo o fruto verde da terra que alimenta o gado.

Era, entre nós, um período longo de grande canseira e até aborrecimentos quando cortávamos milho com a nossa máquina

de uma ou duas linhas ou corta forragens quando colhíamos as ervas.

Hoje, tudo evolui muito rapidamente. Se há vinte anos, aquelas máquinas nos deixavam maravilhosos, hoje estão ultrapassadas.

Uma ceifeira moderna que tanto colhe uma como outra espécie aproveita melhor as plantas, faz o trabalho mais rapidamente, poupando-nos o esforço e o gasóleo.

A tarefa que demorava entre quinze dias a três semanas, hoje faz-se em dois dias. A qualidade da silagem é tanto melhor quanto mais rapidamente é feita.

Mobilizamos dois ou três rapazes para espalharem a forragem e pôr o sal, a rectro-escavadora para calcar e arrumar a carga do enorme reboque que de quarto em quarto de hora desemboca nos silos com cerca de vinte toneladas.

É um trabalho duro, exigente de muito cuidado e atenção que resulta sempre em felicidade para toda a gente, pondo em evidência a expressão de salmista: *À ida vão a chorar levando as sementes, à volta vêm a cantar trazendo molhos de espigas*. □

cinco minutos antes. Sofria, mas estava serena. Bem merecia deixar de tanto sofrer. É mais um anjo que temos a interceder nós. E o mais que ouvi das muitas que lhe queriam: — Fartei-me de chorar... — Ofereci uma blusa bonita que tinha. Queria que fosse bonita no caixão...

TAMBÉM NÃO SE CONFORMA... — Depois da Missa, vejo o fechar do caixão, mal acabado de chegar da morgue. Registo a pressa de D. Selene em chegar-se a mim: — *A Maria do Carmo queria muito ver a Fernandinha antes d’ela ir a enterrar. Ela insiste tanto que ainda nos morre se a não vê. Não sei como há-de ser...* Limitada de membros mas boa de cabeça, Maria do Carmo é a “chefe” do pavilhão — **das doentes, para as doentes, pelas**

doentes. Tal como a Fernanda o era, também ela é sempre transportada por uma das doentes com quem partilha o seu calvário.

Chego-me ao Sr. da Funerária e digo do que penso poderia fazer-se: A carrinha fúnebre segue à frente e eu levo o carro com a senhora. À entrada do cemitério, já meio fora do carro fúnebre, abre-se a urna o mais que puder ser ao lado do meu carro. Assim acomodada no banco da frente, Maria do Carmo poderia *ver a sua Fernandinha*... Chegados, começava a chuveirar. Mas tudo se cumpriu. A Fernanda parece que sorria. Maria do Carmo olha-a demoradamente, em silêncio enternecido. Também ela sorriu de gratidão. E os dois sorrisos tinham ali as cores desse *Arco-Íris* que, para os crentes, liga o tempo e a eternidade. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt
www.obradarua.org.pt  facebook.com/Casa.do.Gaiato
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL
Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • **N.º de Registo** 100398 • **Tiragem:** 21350
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Passei-lhe uma requisição de todo o material necessário a um armazenista que nos faz um preço especial, e ele, que se ajeita a pedreiro, vai pôr a casa em ordem para ser fiscalizada por outros agentes do Estado.

Dar-lhe-emos, também, toda a mobília. Os electrodomésticos e indispensáveis, as roupas das camas e a louça da cozinha e da sala de jantar. Segundo as exigências, os rapazes terão que ter cama individual e uma secretária, com cadeira, para estudarem no seu quarto.

O casal tem prazo até ao fim de Dezembro para apresentar tudo em ordem.

O *Património dos Pobres* aparece de coração aberto e sentido de Justiça para A **reparar** — como todos sabemos, pertenceria ao Estado corrigir a injustiça.

Amparar os deserdados é o caminho e a missão do *Património dos Pobres*.

Ninguém afirme que isto não se deve fazer, por pertencer ao Estado!

Pergunto: Quem é o Estado? Se este não fizer o que deve, qual é o teu lugar? A tua posição? Revoltas-te e ficas quieto? Fechar os olhos e voltar as costas? Achas humana a tua atitude?

Se és Cristão, Padre ou Bispo, ficas bem com a tua consciência?

Que disse Jesus ao Doutor da Lei?, hoje há tantos Doutores da Lei: *Um homem espoliado, ferido e abandonado jazia à margem de uma sociedade dita organizada. Passaram alguns, olharam e seguiram, mas um estrangeiro aproximou-se do desgraçado, compadeceu-se, curou-o, pô-lo sobre a sua montada e levou-o ao estalajadeiro, comprometendo-se com o pagamento.*

Esta é a nossa Lei: fazer Justiça onde a injustiça oficial quis fazer a Justiça da Lei.

A esmola tem este dom segundo a Escritura: apagar a multidão dos pecados.

Embora hoje não se chame pecado à injustiça, na ilusão de que ela não provoca remorso, chama-se **Erro**, mas, no fundo de cada homem, nos momentos de reflexão silenciosa, a consciência trabalha e acusa.

Os Cristãos não se iludem, pois a sua Lei fundamenta-se Naquele que é Justo e Pai de todos os homens.

Epifânio é aquele menino de que falei aos meus Leitores, em jornal passado, que sofre de grave surdez e não sabia juntar uma vogal com uma consoante, apesar de o Estado o ter na quarta-classe.

Por três vezes, fui ao Hospital Amadora Sintra pedir o seu

processo, para o transferir para outro Hospital mais próximo e, na última vez, a médica Otorrino explicou-me que o Estado não lhe deu o aparelho auditivo porque nós não lhe fornecemos o número da Segurança Social. A verdade é que aquela entidade, para dar o dito número, exige que o Tribunal nos entregue a sua tutela. Como ainda não o fez, o Epifânio pode ficar indefinidamente à espera que o Estado resolva.

Não fica. O Epifânio foi a um médico particular, o *Património* pagou o aparelho e o rapaz anda muito contente!... Ele, os seus colegas e os seus professores. E eu quero que esta notícia também encha de gozo quem se afligiu com a sorte do Epifânio.

A Justiça traz sempre consigo, como fruto, a Alegria.

Este menino veio da Guiné exatamente para tratar dos seus ouvidos. Não tem cá ninguém, senão uma tia que vive com grandes dificuldades. O audiologista fez-nos um desconto e pagámos-lhe mil e quinhentos euros e doze centimos.

Este rapaz era um marginal mas a Obra integrou-o na sociedade, mesmo à rebelião da Organização Social que nos caracteriza.

Se nos deixarem, faremos dele um homem, porque ele mostra vontade e brilho de o vir a ser. □

MALANJE

Padre Rafael



O grupo dos «Batatinhas»

Faz o mesmo e viverás...

«DÁ-ME um abraço, já não voltaremos a ver-nos neste mundo...». Com estas palavras se despedia de mim o Padre Zé Maria, algures, no mês de Julho. Desejava regressar a Moçambique para cumprir, à letra e sentir, na pele, aquela recomendação de Pai Américo aos padres da Rua: «*Os padres da Rua são por natureza pais de família, afligidos, queimados interiormente e constantemente pela necessidades e vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte*».

Com o falecimento do Padre Zé Maria, a Obra ficou com 8 padres e Moçambique órfão de pai... Agora, é a Irmã Quitéria quem terá de assumir, como mãe e directora, o comando de uma das Casas mais emblemáticas... Queira o Espírito Santo que surja um padre o mais rápido possível. Entretanto, rezamos para que a nossa Irmã Quitéria prossiga com Esperança e força servindo a Obra em Moçambique.

A partida de um Padre é uma interpelação para todos nós... não faz muito tempo, despedia-se o padre João. Será, como dizem alguns, o fim da Obra da Rua... Para os que a continuamos: ainda Não! O que não podemos negar, é a urgência de abrir portas, para que entre um ar renovador na Obra. Padre Américo disse que os gaiatos são «dignos continuadores da Obra...», e a eles devemos dar uma palavra.

Querido Padre Zé Maria, obrigado! Aí, onde estás, intercede por todos nós que continuamos. Tentaremos estar perto dos nossos filhos de Moçambique. Espero, um dia, poder dar-te outro abraço. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Do Baptismo do Américo

A vocação é um selo que Deus põe na alma da gente, ao nascer.

Padre Américo

AMÉRICO Monteiro de Aguiar nasceu na Casa do Bairro de Baixo, freguesia do Salvador de Galegos, concelho de Penafiel e Diocese do Porto. Veio à luz à uma hora da noite do dia 23 de Outubro de 1887, filho de *Teresa de Antelagar e de Ramiro do Bairro*, conforme escreveu. No centenário do seu nascimento, em jornal festivo e com celebrações significativas, foi evocado gratamente esse acontecimento feliz para os seus pais, toda a família e comunidade cristã.

Por essa altura (1987), foi consultado na Conservatória do Registo Civil de Penafiel o assento do seu baptismo (Número 23, de 1887), de direito do arquivo paroquial e actualmente no Arquivo Distrital do Porto, cuja transcrição, já efectuada noutro sítio, é agora no seu 129.º aniversário alargada aos leitores fiéis num cantinho do Famoso, que procura estar ao serviço da Verdade, também histórica. Eis, pois, a primeira página do livro da vida do servo de Deus Padre Américo:

Aos quatro dias do mez de novembro do anno de mil oitocentos oitenta e sete n'esta Egreja parochial de Salvador de Gallegos, concelho de Penafiel diocese do Porto eu Antonio do Rocha Reis, Abbade da mesma freguesia baptizei solemnemente um individuo do sexo masculino a quem dei o nome de Americo e que nasceu na freguesia de Gallegos á uma hora da noite do dia vinte e trez do mez de outubro do anno de mil oitocentos oitenta e sete, filho legitimo de Ramiro Monteiro d'Aguiar, profissão lavrador, natural da freguezia de Gallegos, e de Theresa Ferreira Rodrigues, profissão lavradeira natural da freguesia de Gallegos, digo, de Paço de Souza, deste concelho, recebidos na freguesia de Paço de Souza e parochianos de Gallegos moradores no lugar do Bairro neto paterno de José Monteiro d'Aguiar, e Albina dos Santos e materno de Antonio Joaquim Ferreira e Lourença Rodrigues. Foi padrinho Joaquim da Rocha,

casado, negociante e madrinha Maria Ferreira d'Aguiar, solteira, filha família, os quaes todos conheço serem os proprios. E para constar lavrei em duplicado este assento que, depois de ser lido e conferido perante os padrinhos, vou assignar com estes. Era ut supra.

O Padrinho — Joaquim da Rocha.

A Madrinha — Maria Ferreira d'Aguiar.

O Abb.e, Antonio da Rocha Reis.

Como se verifica pelo documento, Américo foi baptizado 12 dias depois de ter vindo ao mundo, em 4 de Novembro, na Igreja Paroquial do Salvador de Galegos, pelo Pároco de então, o Padre António da Rocha Reis, sacerdote culto. O nome escolhido de *Américo* foi-lhe dado, claramente, em homenagem ao insigne Bispo do Porto da época (1871-1899), o Cardeal D. Américo Ferreira dos Santos Silva. Foi sua madrinha a irmã Maria de Aguiar e seu padrinho o tio-avô (por afinidade) Joaquim da Rocha. A pia baptismal desse tempo encontra-se, actualmente, no Museu Municipal de Penafiel, à rua do Paço.

Foi o último de oito irmãos: Padre José, Joaquim, Maria, Jaime, João, António e Zeferino. Era neto paterno de José Monteiro de Aguiar, da Casa do Bairro — Galegos, e de Albina Marques dos Santos, da Casa de Rabilhas — Lagares, e neto materno de António Joaquim Ferreira, da Casa de Antelagar — Paço de Sousa, e de Lourença Rodrigues da Silva, da Casa de Vales de Cadeade — Paço de Sousa. A história da Casa do Bairro de Baixo é conhecida desde meados do século XVI, ao tempo de Gonçalo Vaz, o galego, havendo *Apontamentos genealógicos* feitos por mão de mestre — o Cónego António Moreira da Rocha.

O saudoso D. Gabriel de Sousa, seu primo (pela Casa de Vales de Cadeade) e sábio monge beneditino, que foi Abade do Mosteiro de Singeverga e Postulador da sua Causa de Beatificação, assinalou que *nas três iniciais do seu nome ele descobriu o imperativo do verbo amar: AMA*. Certo é que, na perspectiva bíblica, o nome está intimamente ligado à pessoa.

Verificámos, porém, que numa notícia do seu exame do

2.º grau da instrução primária, efectuado em 8 de Agosto de 1899, surge o nome *Américo Rodrigues Monteiro de Aguiar*, como aluno do Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel. E, ainda, em 12 de Outubro de 1905, na sua matrícula como *aluno livre* do curso superior de comércio, no Instituto Industrial do Porto, aparece também o *estudante* [trabalhador] *Américo Rodrigues Monteiro de Aguiar*. O apelido Rodrigues foi assim uma herança materna.

Muitíssimo mais significativo do que esta variante onomástica é a grafia do seu nome com ponto de exclamação, que sintetiza com originalidade o seu percurso biográfico (vocacional) até à ordenação de Presbítero, em 28 de Julho de 1929, em Coimbra: *Padre Américo!* Sendo enviado em 1932 pelo seu Bispo, D. Manuel Luís Coelho da Silva, que o recebera no Seminário e o ordenara, continuou-se a revelar um talentoso escritor realista cristão, já antes como seminarista com bela prosa no *Lume Novo*, sob o pseudónimo *Frei Junípero*. Escreveu sob o título *Sopa dos Pobres* e depois *Obra da Rua*, no jornal diocesano *Correio de Coimbra*, cujos artigos foram coligidos em 4 volumes de *Pão dos Pobres*. E definiu-se assim: *O nome que se vê no lugar do autor, é única e simplesmente o do humilde ouvinte das queixas do pobre que escreve dentro da mansarda o que eles ditam a pedir pão*. Com sentido eclesial, afirmou que, *sendo uma organização americana (isto é, que vem do Padre Américo)*, a sua acção é obra da Igreja. *É Acção Católica*.

Em 1956, o Bispo do Porto D. António Ferreira Gomes, em homilia na Missa do 7.º dia do seu passamento, com lucidez, chamou a atenção para o nome mais próximo e afinal sinónimo com que os seus filhos o consagraram: *será preciso deduzir bem e ter presente a lição da sua vida; e essa lição, através de longa e vária escrita, resume-se toda naquela evolução fonética e semântica que não sei se já foi historiada ou se algum dia o será, evolução que, na boca dos seus gaiatos e dos seus sacerdotes, de Padre Américo fez Pai Américo. A verdade das coisas, provavelmente saída ex ore infantium!...*

Dolorosamente, em Portugal, no ano de 2015, o direito à vida humana foi tirado a 15873 crianças. E há 50 milhões de crianças deslocadas no mundo. Sinais dos tempos... Aos seus leitores e deste tempo, disse uma vez com esta certeza de fé cristã: *tu és de linhagem divina, parente próximo de Jesus de Nazaré!* □